



**Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:**

**Resumo**

**Relato de Caso**

**Memórias de Guerra:  
a relação do Jornalismo com o resgate de acontecimentos históricos**

**AUTOR PRINCIPAL:** Thaís Viacelli Biolchi

**ORIENTADOR:** Fábio Rockenbach

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

## **INTRODUÇÃO**

Nunca o depósito de memória social esteve tão fácil e rapidamente disponível à sociedade a ponto de envolvê-la no processo de rememorar acontecimentos. Da mesma forma, o Jornalismo nunca esteve tão centralizado nesta relação. Nas mídias, uma notícia pode prolongar-se no tempo: as greves, um conflito, um caso de corrupção. Desta maneira, o acontecimento histórico deixou de ser propriedade da História e deu espaço para as produções da cultura de massa.

Mas por que lembrar? Por que recordar? Foi a partir destas perguntas, que as narrativas do Holocausto deram origem à literatura de testemunho, à política de memória e à memória midiaticizada. Para o Jornalismo, a memória é um manifesto cultural e político e a partir dela tem-se a responsabilidade de informar o que passou para que não se repita. O Jornalismo, a memória e o Holocausto são os norteadores desta pesquisa que busca identificar qual foi a relevância que o tema recebeu na imprensa brasileira e como ele foi abordado.

## **DESENVOLVIMENTO**

O escritor Jacques Le Goff (2010, p. 147), quando se refere à questão antissemita, diz que “não haverá uma boa Europa sem memória; memória dos seus crimes, e, de todos, este foi o mais horrível”. A Cultura Midiática se apropria do passado pelo que ele tem de potencial espetacular, de matéria-prima midiática. A Segunda Guerra Mundial apresenta tal potencial. Durante muito tempo, os direitos humanos foram violados nos países onde a Grande Guerra se concentrou e a partir disso, uma imensidão de conteúdo midiático foi criado, entre filmes, documentários, livros e conteúdo jornalístico. Os efeitos causados, principalmente, pela Alemanha nazista, refletiram no mundo inteiro.

Por ocupar um lugar privilegiado como formador de opinião e armazenador da memória social, Pierre Nora (1984, p. 21) diz que jornais podem ser pensados como “lugares de memória”. Para ele, esses espaços nascem da consciência que não há memória espontânea e para que essa tradição de lembrar não se perca, é preciso um lugar que ancore as lembranças. A criação de arquivos, a celebração de datas preservaria memórias que hoje já não são naturais.

Para tanto, Le Goff estabelece que o Jornalismo como lugar de memória estaria representado por um “profissional científico da memória”, o jornalista. Ao lado de antropólogos, historiadores e sociólogos, o profissional se torna testemunha da memória de toda cultura humana. Os jornalistas, como outros profissionais científicos da memória, preservam discursos e, preservando-os, legitimam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Esta expressão ainda carece de definição precisa.

A narrativa construída pela relação entre jornalismo e memória liberta o silêncio e faz a experiência vivida no acontecimento se expandir através da linguagem. A memória sendo expressa pelo jornalismo coloca em primeiro plano a tensão entre lembrar e esquecer, mas para muitos, o registro do sofrimento vivido é ato curativo, principalmente pelas vítimas do Holocausto. Num jornal impresso, a notícia manejada com mais pormenores e extensão do que qualquer outro veículo de comunicação de massa explora os acontecimentos do passado, não só pelo potencial espetacular, mas para a lembrança ter utilidade no presente.

Para tanto, a pesquisa, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso, está em andamento e é desenvolvida a partir de uma amostragem de 7 reportagens jornalísticas do Jornal Folha de São Paulo representativas das 7 décadas. Cada conteúdo será referente a uma década desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Como fim da Segunda Guerra, entenderemos a data de 27 de janeiro de 1945, ocasião em que os prisioneiros do campo de extermínio nazista Auschwitz, foram libertados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa está em andamento e ainda não obteve todos os possíveis resultados.

## **REFERÊNCIAS**

BERGER, Christa; MARACCO, Beatriz. *Ilha do Presídio: uma reportagem de ideias*. Porto Alegre: Libretos, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Ed. Brasiliense, 1996

ENNE, Ana Lúcia, TAVARES, Cristiane. *Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica*. Disponível em: <<http://www.castelobranco.br/pesquisa/docs/memoria2.doc>> Acesso em set. 2015.

PALACIOS, Marcos. *Convergência e memória: jornalismo, contexto e história*. São Paulo. 2010. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/matriz/article/download/38274/41083](http://www.revistas.usp.br/matriz/article/download/38274/41083)> Acesso em set. 2015.